

A trilogia da esperança: uma leitura escatológica

*The trilogy of hope:
an eschatological reading*

Ailto Martins

Resumo

A trilogia da esperança formatou o pensamento escatológico de Moltmann. A perspectiva escatológica moltmanniana permeia estas três obras: “Teologia da Esperança” (1964); “O Deus Crucificado” (1972) e “A Igreja na Força do Espírito” (1975). Diante disso, o artigo desenvolve uma análise dessas respectivas obras, com objetivo de confirmar o fundamento escatológico de Moltmann, a partir de uma leitura escatológica destes três primeiros escritos do referido autor. O caminho metodológico perpassou a contribuição de outros teóricos especialistas acerca do tema, por meio de uma revisão bibliográfica. A teologia escatológica de Moltmann procura causar mudanças ao corrigir diferentes distorções que afetam negativamente a teologia e a prática pastoral cristã. Dessa forma, essa visão do fim dos tempos aborda a justiça de Deus que perdoa e age com retidão, fundamentada na solidariedade e na redenção de Cristo. Os resultados esperados ressaltaram a conscientização da importância da escatologia para a teologia cristã, especificamente acerca do pensamento escatológico de Jürgen Moltmann, a respeito da trilogia da esperança.

Palavras-chave: Moltmann. Trilogia. Esperança. Escatologia e pensamento.

Abstract

The “Trilogy of Hope” shaped Moltmann’s eschatological thought, which permeates his three works: Theology of Hope (1964), The Crucified God (1972), and The Church in the Power of the Spirit (1975). This article analyzes these works to confirm Moltmann’s eschatological foundation through an eschatological reading of his first three writings. The methodological approach included contributions from other specialists through a literature review. Moltmann’s eschatological theology aims to bring about change by correcting various distortions that negatively affect Christian theology and pastoral practice. His vision of the end times emphasizes God’s justice, which forgives and acts righteously, grounded in solidarity and the redemption of Christ. The expected results highlight the importance of eschatology for Christian theology, specifically regarding Jürgen Moltmann’s eschatological thought in the context of the Trilogy of Hope.

Keywords: Moltmann. Trilogy. Hope. Eschatology and thought.

Introdução

O teólogo Moltmann é reconhecido por sua extensa reflexão teológica ao longo da vida. Especializado em temas bíblicos, destaca a importância da escatologia na interpretação teológica. Sua produção se inicia com a trilogia da esperança (1964-1975), que inclui os livros: “Teologia da

Esperança” (1964); “O Deus Crucificado” (1972) e “A Igreja na Força do Espírito” (1975). Além disso, vale ressaltar que Moltmann também incorpora disciplinas interdisciplinares, como história, filosofia e ecologia, em seu trabalho teológico.

O artigo analisa a trilogia da esperança, que se constitui a base da escatologia de Moltmann. A pesquisa examina essas três obras. Em “Teologia da Esperança”, o tema esperança se apresenta como o fundamento hermenêutico escatológico da ressurreição de Jesus. Já em “O Deus Crucificado”, a ênfase escatológica recai sobre a cruz do Cristo e, finalmente, em “A Igreja na Força do Espírito”, fundamenta a eclesiologia que parte da cristologia em direção à pneumatologia, sempre em perspectiva escatológica.

1. A trilogia da esperança: uma leitura escatológica

1.1. Considerações iniciais

A trilogia da esperança, desenvolvida no período de 1964 a 1975, descreve a fase inicial do pensamento teológico de Moltmann, como já foi exposto, a partir dessas três obras: Teologia da Esperança (1964); O Deus Crucificado (1972); e A Igreja na Força do Espírito (1975). Não se pretende, aqui, abordar o todo destas obras, mas apenas aqueles aspectos que se mostram de maior relevância e podem contribuir para o objetivo proposto pela pesquisa, que é confirmar a base escatológica da trilogia da esperança de Moltmann.

Este período (1964-1975) apresenta uma orientação voltada ao tempo e, por conseguinte, cria no pensamento escatológico moltmanniano uma dependência em relação à história e ao tempo. É válido ressaltar que, principalmente, no que tange o aspecto histórico, é na teologia da criação que Moltmann procura estabelecer seu trabalho como um sistema aberto e escatológico na história: “Deus não só é conhecido no termo da história, mas em meio à história, enquanto ela acontece, aberta e orientada para o processo das promessas”¹. Ainda, Costa Júnior destaca esse detalhe sobre a ideia da relação entre criação e história na escatologia de Moltmann, onde “salienta que a criação continuada compreende a atividade de Deus na história conservando o mundo criado, ao tempo em que o prepara para sua consumação, ou seja, a ação histórica de Deus está orientada escatologicamente”². Desse modo, Moltmann trabalha o conceito da esperança nas perspectivas histórica, escatológica e da promessa.

1.2. A trilogia da esperança: a obra “Teologia da Esperança”

O livro “Teologia da Esperança” é o primeiro dessa trilogia. Já na introdução são percebidos três princípios básicos do pensamento escatológico de Moltmann que, de acordo com Gibellini são atravessados em toda a reflexão moltmanniana. São eles: a religião cristã é escatologia do início ao fim; a fé cristã se fundamenta na ressurreição de Cristo, criando a base cristológica da escatologia; e a problemática do futuro.³ A respeito desse eixo central, Moltmann procura sintetizar a essência de sua escatologia, que se encontra na esperança. Por isso, questiona o lugar que a escatologia ocupa dentro do pensamento teológico de seu tempo. Para ele, a percepção escatológica das doutrinas cristãs foi suprimida, esquecida e colocada como um apêndice da teologia:

Na realidade, a escatologia é idêntica à doutrina da esperança cristã, que abrange tanto aquilo que se espera como o ato de esperar, suscitado por esse objeto. O cristianismo é total e visceralmente escatologia, e não só como apêndice; ele é perspectiva, e tendência para frente, e, por isso mesmo, renovação, e transformação do presente. O escatológico não é algo que se adiciona ao cristianismo, mas é simplesmente o meio em que se move a fé cristã, aquilo que dá o tom a tudo que há nele, as cores da aurora de um novo dia esperado que tingem tudo o que existe⁴.

¹ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 157.

² COSTA JÚNIOR, J., O Espírito criador, p. 108.

³ GIBELLINI, R., La teologia di Jürgen Moltmann, p. 80.

⁴ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 30.

Assim, todo o conteúdo da teologia cristã tem uma direção puramente escatológica. Nesse sentido, o teólogo da esperança contesta a definição clássica do vocábulo escatologia como “doutrina das últimas coisas”, já que, para ele, essa interpretação não corresponde a um termo apropriado para definir o futuro de Deus, mas a respectiva definição sinaliza, de forma teórica, para um fim, no entanto, um fim em si mesmo (fim-fim). Kuzma “relata que este conceito difere do pensamento escatológico de Moltmann, que estabelece um fim fundamentado pela esperança, ou seja, o fim com princípio”.⁵

Para fundamentar sua tese de que a escatologia se constitui a essência da teologia cristã, Moltmann continua a argumentação e chama a atenção, agora no primeiro capítulo do referido livro, para a discussão da relação entre a escatologia e a revelação. Ele destaca a redescoberta da escatologia no século XIX, por obra de Johannes Weiss e Albert Schweitzer, como um dos eventos mais significativos da teologia protestante para aquele momento. Porém, faz críticas à ineficácia desta descoberta. Nenhum dos descobridores, aliás, levou realmente a sério sua descoberta, ao que Moltmann argumenta:

A escatologia consequente, conforme foi denominada, nunca foi realmente consequente e, por isso mesmo, leva, até os dias de hoje, uma existência obscura. Os conceitos com que se tentava aprender o que havia de peculiar na mensagem na escatológica de Jesus mostram uma incomensurabilidade típica e quase rejeitada⁶.

A grande crítica a esses descobridores é que, apesar da redescoberta, a escatologia continua sendo dividida em partes e, conseqüentemente, separada da história e da realidade. Diante disso, ele cita a afirmação de Weiss, que enfatiza que “o reino de Deus na concepção de Jesus é uma realidade simplesmente supramundana, que está em oposição total a este mundo”⁷. Dessa maneira, Moltmann critica o termo “supramundano”, que difere do sentido escatológico e, por conseguinte, reduz a mensagem escatológica de Jesus simplesmente a um visionário apocalíptico⁸. Com isso, de acordo com Moltmann, Weiss tenta eliminar o limite escatológico do reino de Deus, que para ele era um obstáculo histórico para a compreensão da teologia das escrituras neotestamentárias. Segundo Moltmann, o mesmo se repete com a escatologia de Schweitzer, que valoriza características que ele evidencia estranhas em Jesus e em sua mensagem, apropriando-se das imagens liberais de Jesus do século XIX que, quando inseridas na teologia, sofrem influência e não retornam da mesma forma que haviam sido colocadas. Isso faz com que sua teologia perca a perspectiva escatológica⁹.

Esse cenário escatológico tem modificação com as teologias dialética e existencial, em virtude das contribuições de seus principais teólogos, Barth e Bultmann. “Depois da Primeira Guerra Mundial, os fundadores da “teologia dialética” colocaram a escatologia — que havia sido deixada à sombra pelo idealismo e tornada inócua — no centro mesmo de seus trabalhos, não só exegéticos, mas também dogmáticos”¹⁰. Assim, a teologia da revelação divina de Karl Barth contribui de modo significativo para dar sustentação teórica ao pensamento escatológico de Moltmann, especificamente da promessa, visto que “na sua teologia da esperança, a promessa é vinculada à revelação de Deus”¹¹. A afirmação programática de Barth, de que “o cristianismo que não for inteiro e totalmente escatologia, não tem absolutamente nada ver com Cristo”¹², diferentemente da crise da esperança escatológica do futuro, exposta por Schweitzer, faz com que a escatologia signifique “o *eschaton*¹³ que irrompe de forma

⁵ KUZMA, C. A., A esperança cristã na “Teologia da Esperança”, p. 452.

⁶ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p.56.

⁷ WEISS, J., Die Predigt Jesu vom Reiche Gottes, p. 49; MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 56.

⁸ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 30.

⁹ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 57.

¹⁰ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 58.

¹¹ GONÇALVES, A. S., Por uma Igreja Aberta, p. 55.

¹² BARTH, K., Der Römerbrief, p. 298; MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 56.

¹³ O *eschaton* é a “última coisa” ou “o fim.” Muitos teólogos consideram o evento final, o *eschaton*, como o retorno de Jesus, embora alguns considerem um reinado de mil anos de Cristo para ocorrer após seu retorno (Atos 1:11). No entanto, a frase “o *eschaton*” é, principalmente, considerada como o retorno de Cristo.

transcendental e situa toda a história humana em sua derradeira crise”¹⁴.

Apesar da eternidade transcendental de Barth e do *eschaton* existencial de Bultmann se concentrarem no aspecto escatológico, Moltmann não adere completamente às suas ideias. Pelo contrário, ele procura criticar, refutar e superar em alguns pontos essas perspectivas escatológicas, fazendo críticas à escatologia transcendental, com a qual a redescoberta da escatologia cristã primitiva foi encoberta e não desenvolvida, tanto que Barth revisa a escatologia transcendental de sua fase dialética se aproximando do conceito de *eschaton*¹⁵. Diante disso, “o ponto em destaque que podemos subtrair deste confronto está na revelação de Deus como evento escatológico”¹⁶.

Já Bultmann, apesar de sua importante contribuição quanto à tentativa de descrever a existência da história de Jesus, tem seu esboço denunciado por não apresentar esperança, diferentemente de Pannenberg, que busca na escatologia, por meio da ressurreição, uma exposição da história de Jesus¹⁷. Para Bultmann, o Paracleto, que dá continuidade à revelação de Jesus na comunidade e no mundo, é a Palavra pregada na comunidade.¹⁸

Essa revelação como evento escatológico, expressa a autorrevelação de Deus, que se revela a si mesmo. Nesse sentido, Deus não pode se revelar ao contrário de sua essência e natureza. Então, Moltmann questiona se isso não significa apenas mera e eterna presença de Deus no tempo, presente sem futuro, como uma revelação fechada e pronta. Por isso, “a compreensão da revelação de Cristo como autorrevelação de Deus responde, por meio de uma reflexão sobre a origem da revelação e sobre Deus mesmo, à pergunta sobre o futuro e o fim apresentados pela revelação”¹⁹. A revelação de Deus sinaliza e aponta para o futuro e se confirma pelo evento de Jesus ressuscitado, por isso, o futuro da humanidade se mostra na esperança do futuro de Cristo, que se encontra aberto na história como promessa que se manifestará e garantirá um futuro ainda ausente²⁰. Pode-se considerar, diante da análise realizada, que na base da teologia cristã há uma relação entre escatologia e revelação, com a grande descoberta trazida por Moltmann se estabelecendo na novidade da promessa que elas contêm²¹.

Dando sequência às respostas sobre o problema da questão escatológica na teologia cristã, Moltmann, depois de relacionar, como visto, a escatologia com a revelação, expande seu argumento tratando agora da promessa como fundamento da esperança na história. Ele inicia a exposição realizando uma releitura da promessa do Antigo Testamento e, assim, lança-a para o evento da ressurreição e o futuro de Cristo. O objetivo é relacionar a promessa com a revelação na história, “mas também desenvolver uma compreensão da revelação de Deus que seja escatológica, no sentido em que esta é, própria e unicamente, a linguagem da promessa, e à medida que assim se mostra”²². Esse aspecto destaca o núcleo duro da promessa, ligado, exclusivamente, a Deus, encontrado na teologia da promessa de Javé, tanto na tradição teológica da Torá dos rabinos quanto nas tradições apocalípticas, sendo que “nas duas tradições, Deus é reconhecido como aquele que promete e cuja fidelidade garante o cumprimento.”²³ Dessa maneira, ao contrário dos povos vizinhos, que cultuavam seus deuses epifânicos a partir dos lugares de suas manifestações, onde demonstravam seu poder voltado a si mesmos, em Israel, excluindo a transcendência, as manifestações de Javé indicavam que “o sentido das aparições a determinados seres humanos, em determinadas situações, está na promessa. Ora, a promessa aponta para além das aparições, em direção ao futuro anunciado e ainda não real”²⁴. Nesse contexto, o ponto-chave das manifestações de Javé aponta para além de si mesmo, ou seja, para a promessa que remete de maneira obrigatória para o futuro.

A relação entre promessa e história apresenta o componente de inquietude da promessa que não aceita a reconciliação com o presente ainda não cumprido que, para Moltmann, não é experimentado

¹⁴ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 58.

¹⁵ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 59.

¹⁶ KUZMA, C. A., A esperança cristã Fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann, p. 117.

¹⁷ KUZMA, C. A., A esperança cristã Fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann, p. 120.

¹⁸ BULTSMANN, R., Crer e compreender, p. 74.

¹⁹ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 81.

²⁰ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 82.

²¹ KUZMA, C. A., A esperança cristã Fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann, p. 122.

²² MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 61.

²³ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 188.

²⁴ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 135.

como um “cosmo divinamente estabilizado, mas como história em andamento, que deixa as coisas para trás e irrompe rumo às coisas novas, rumo a horizontes ainda não vistos”²⁵. Isso traz um desafio de como as novas experiências, diante dos problemas presentes e dos conflitos da história universal, devem ser dominadas, assimiladas e interpretadas pela fé na promessa. Kuzma destaca que é certo que esse lançar-se para frente e deixar o passado para trás não resulta em uma anulação do que já foi, porém, o coloca como alicerce, como prova do que ainda virá, dando sequência à argumentação da síntese, no que diz respeito à religião da esperança em Israel²⁶. Moltmann explica, por meio da palavra da promessa, o sentido e o conceito do termo, o qual denomina promessa do Deus guia:

a) Uma promessa é a palavra dada que anuncia uma realidade ainda não existente. Assim, abre ao ser humano a história futura, onde se deve esperar o cumprimento dessa promessa; b) A promessa liga o ser humano ao futuro e lhe abre o sentido para a história. Não lhe abre o sentido para a história em geral, nem para a historicidade da existência humana em si, mas o liga à sua própria história; c) A história que é determinada e orientada pela promessa não consiste em retornar para as mesmas coisas, mas apresenta uma tendência ao cumprimento de um futuro prometido, mesmo ainda ausente; d) Se uma palavra ainda é promessa é porque não encontrou ainda correspondência com a realidade, está em contradição. O futuro, que ela se destina, compreende-se aquela realidade onde a palavra da promessa encontra e recebe a sua correspondência; e) Por isso, a palavra promessa sempre cria um termo intermediário, carregado de tensão e contradição, que vai do evento até a realização da promessa; f) Já que a promessa divina não pode estar separada do Deus promitente, mas espera sua realização precisamente da livre fidelidade de Deus, ela não produz a necessidade compulsiva de um sistema jurídico fixo, consistente, de obrigações históricas, para poder assegurar a exata correspondência entre a promessa e o cumprimento, para compreender o seu funcionamento no passado ou para calcular o seu futuro; g) Pode-se ver o caráter especial das promessas veterotestamentárias no fato de as promessas não terem sido liquidadas pelo decurso da história de Israel, nem por frustrações, nem por realizações, mas ao contrário, por meio da história concreta de Israel terem recebido explicações sempre novas e amplificadoras²⁷.

Com essa exposição acerca da palavra da promessa, Moltmann consegue dar um sentido histórico e holístico para a escatologia e a esperança, visto que, para ele, “as promessas abrem os horizontes da história, entendendo-se por “horizonte”, conforme a feliz fórmula de H. G. Gadamer, “ausência de limites fixos”, algo para o qual entramos e caminha conosco”²⁸. Diante disso, esses horizontes não possuem limites determinados, pois estão sempre móveis pela promessa, como se mostravam na história do povo de Israel que, a cada instante, tinha uma experiência nova que sinalizava para as memórias e as esperanças. “Tudo está relacionado, afinal, a história é um guia ao futuro e o futuro leva ao cumprimento das promessas que por sinal são os alicerces que dão esperança aos eleitos de Deus”²⁹. Essas promessas não se moldam dentro da história somente como fatos já acontecidos, mas se abrem para algo muito maior. Assim, “entre a promessa e o cumprimento se estende o processo da influência da palavra na história, isto é, eventos em que a promessa é interpretada e atualizada, transmitida em direção ao futuro em esperança e obediência”³⁰. Esse processo de transmissão e tradição se torna possível por meio da continuidade da recordação da história e, com isso, são estabelecidas novas experiências históricas. Desse modo, Moltmann entende a história como uma filosofia da crise que apresenta o conflito das tradições com as novas experiências, para o bem ou para mal, e que continuamente influencia a história como um todo³¹. A promessa do Antigo Testamento comprova o caráter escatológico dessas escrituras. Elas abarcam a esperança, visto que o povo de Israel vive delas e o cumprimento dessa promessa necessita da interpretação do evento da ressurreição de Cristo no Novo Testamento, explorado em seguida a partir do problema da ressurreição.

²⁵ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 138.

²⁶ KUZMA C. A., A esperança cristã Fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann, p. 123.

²⁷ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 138-141.

²⁸ GADAMER, H. G., Wahrheit und Methode, p. 231 -286; MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 143.

²⁹ MARTINELLI LIMA, R. A. V., As chaves hermenêuticas da escatologia de Jürgen Moltmann, p. 48.

³⁰ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 150.

³¹ MARTINELLI LIMA, R. A. V., As chaves hermenêuticas da escatologia de Jürgen Moltmann, p. 48.

O problema cristológico da escatologia cristã é o tema crucial da teologia da esperança, pois trata das primícias da ressurreição: primeiro de Cristo e, em seguida, daqueles que morreram na esperança do crucificado e ressuscitado — esta temática é a chave hermenêutica de toda a fé cristã. Nesse contexto, a esperança encontra segurança e alicerce na prolepse da ressurreição, ou seja, o evangelho, por meio do presente de Cristo (sua cruz), anuncia a irrupção do futuro do reino de Deus, e apresenta a dimensão da universalidade do futuro escatológico da realidade da promessa da ressurreição. Assim, as manifestações pascais da ressurreição do Cristo são entendidas como promessa escatológica. Jesus é identificado como o crucificado ressuscitado e o ponto central desta identificação se apresenta no Deus criador e renovador da vida, pois Jesus morreu e ressuscitou em sua totalidade, conforme Moltmann comenta:

Dentro dessa linha de pensamento, na auto-revelação de Jesus e em suas aparições, está a revelação do poder e da fidelidade de Deus. Com isso é preciso dizer que neste evento, experimentável na crucificação e nas aparições pascais, aponta para atrás, para as promessas de Deus; e para frente, para o *eschaton* da revelação de seu poder em todas as coisas³².

A revelação de Jesus ressuscitado perpassa a continuidade de sua missão e está inserida dentro de uma história aberta e definida por essa missão e também pelo futuro de Jesus, que se tornou esperado, revelado e manifesto no início do evento pascal e, conseqüentemente, o seu ser insondável, visto que o paradoxo entre a cruz e a ressurreição deve ser entendido como uma identidade escatológica. Dessa maneira, os títulos abertos e móveis de Jesus envolvendo a cristologia antecipam seu futuro por meio da promessa e expressam o que ele será. Esses títulos dinâmicos são conceitos móveis que, justamente, movem a sua missão e indicam para a igreja cristã sua obra e esperança no futuro de Cristo, já que a promessa, nesse sentido, está entre aquilo que ainda não é — e pelo que já é, este conhecimento em esperança é provisório e também antecipatório, mas aberto e se torna compreensível na promessa da missão de Jesus³³.

A cristologia cristã possui conceitos muito bem fundamentados na teologia. De acordo com Kuzma, os questionamentos de Moltmann podem ser analisados de duas maneiras diferentes. Em primeiro lugar, por meio da abordagem do entendimento da forma grega da dogmática, que compreende o mistério de Jesus de Nazaré como Deus único por meio da percepção geral do divino da metafísica grega — os atributos de Deus (eterno e imutável) passam a integrar a pessoa de Jesus e, com este conceito, torna-se impossível traduzir neste entendimento uma dimensão escatológica, especificamente os eventos da cruz e da ressurreição. E, em segundo lugar, a abordagem que busca aproximação ao mistério de Jesus procedendo da sua existência humana no período moderno, paradoxalmente, ao invés de buscar a ideia universal de Deus, pressupõe um conceito universal de ser humano do Nazareno Jesus³⁴. As duas referidas abordagens são criticadas por Moltmann devido ao reducionismo e ao holismo cristológico, os quais não conseguem atingir a perspectiva escatológica. Para ele, o caminho correto para entender o mistério de Cristo precisa necessariamente passar pela história e deve iniciar pelo Antigo Testamento, do particular para o universal, quando encontra seu *kairós* — jamais do universal para o concreto, como é o caso dessas duas abordagens³⁵.

Cabe ainda destacar o ponto-chave desta problemática exposta por Moltmann, a questão da ressurreição de Cristo como realidade histórica. Cabe destacar, que o cristianismo é, visceralmente, a ressurreição de Jesus dentre os mortos, por obra de Deus. Este fato chama a atenção para o fundamento da fé, já que nas escrituras neotestamentárias não há fé que não tenha como base a ressurreição de Cristo, visto que o conceito de ressurreição de Moltmann vai além do evento realizado e consumado, para um acontecimento capaz de gerar a missão dos apóstolos e, em seguida, da igreja cristã³⁶.

³² MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 254.

³³ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 254.

³⁴ KUZMA, C. A., A esperança cristã Fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann, p. 127.

³⁵ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 183.

³⁶ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 213.

Assim, Kuzma faz uma síntese quanto à interrogação da realidade da ressurreição de Cristo, sobre a qual Moltmann faz três perguntas: “O que posso saber? O que devo fazer? O que posso esperar?”³⁷ Moltmann afirma que é no relacionamento dessas três perguntas que desponta a integralidade da realidade da ressurreição, podendo ainda se perguntar: ele ressuscitou de fato? Em que *modus* essa realidade da ressurreição deve ser compreendida? Ele ressuscitou no sentido de uma realidade historicamente acessível?³⁸ Tendo como desafio a busca das respostas para essas três perguntas, Moltmann, o teólogo da esperança, apresenta a questão da realidade histórica do evento da ressurreição.

Primeiramente, de acordo com Kuzma, essa realidade histórica é expressa dentro de um horizonte de experiência e de sentido da história. Essa argumentação responde à primeira pergunta “o que posso saber?”. Em segundo lugar, questiona aquele que está diretamente envolvido com essa história quanto à questão acerca da historicidade da ressurreição porque está relacionada a uma história particular, de quem presenciou o fato (a testemunha). Então, a questão é resolvida a partir do *kerigma* como pressuposto fundante dessa nova experiência, na qual a ressurreição pode ser entendida como nova criação. Essa argumentação responde à segunda pergunta “O que devo fazer?”. Por último, esse aspecto traz luz ao poder da ressurreição, capaz de romper todos os limites da vida humana. Para isso, “será necessário desenvolver uma compreensão de história que há de ser norteadada pelo fio condutor da analogia escatológica, isto é, amostra prévia e antecipação do futuro”³⁹. Além disso, a ressurreição de Cristo não deve ser chamada de histórica pelo fato, apenas, de ter ocorrido dentro da história, mas porque se constitui história e abre o futuro escatológico. Essa argumentação responde à terceira pergunta “O que posso esperar?”⁴⁰.

Diante disso, a relação entre a escatologia e a história é outro problema analisado por Moltmann no livro “Teologia da Esperança”. E é a partir do capítulo quatro que ele se abre para o diálogo com o mundo moderno, o qual apresenta uma consciência histórica denominada filosofia de crise⁴¹. O autor procura relacionar, resgatar e debater os temas-chave desta obra em todos os capítulos deste compêndio. Para ele, a compreensão da escatologia, necessariamente, decorre da história, ou seja, é impossível entender a escatologia cristã sem a história. Diante disso, não utiliza, como visto, o conceito de revelação como um elemento fechado e preso no passado. Antes, trabalha com a história da humanidade com Deus de modo aberto, de acordo com os períodos dessa revelação na história. Assim, procura entender que o Deus que se revela na história desde Abraão até Jesus Cristo é o mesmo. Conforme Kuzma, este Deus não cessa sua ação diante da ressurreição, pelo contrário, revela-se sempre como um futuro aberto e novo⁴². Ao tratar deste assunto, Moltmann procura estudar a história no contexto da missão, que é resultado da promessa explicitada na revelação. Ele comenta:

A filosofia da história como filosofia da crise tende o aniquilamento da história. Mas a escatologia da história, que gira ao redor dos conceitos de novum, de futuro, de missão, de linha de frente do presente estará em condições de aceitar a história de maneira histórica, pela lembrança e pela esperança, isto é, não aniquilará a história, mas a manterá aberta para o futuro⁴³.

A concepção da história por via da missão apresenta novamente a contradição, tão presente e comum na teologia moltmanniana: a contrariedade entre a ciência histórica moderna e a escatologia da história; a tensão entre passado e futuro; o que foi prometido e a realidade presente. Por isso, chama atenção para o futuro da missão, que recebe a história de maneira histórica e deve proporcionar a tarefa e a decisão no tempo presente para mostrar as possibilidades abertas e também as tendências e as oportunidades que precisam ser aproveitadas. Nesse sentido, Jesus, com sua missão e os desdobramentos da ressurreição, traz o reino de Deus para a história e, sendo assim, a igreja é sua

³⁷ KUZMA, C. A., A esperança cristã Fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann, p. 131.

³⁸ KUZMA, C. A., A esperança cristã Fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann, p. 131.

³⁹ KUZMA, C. A., A esperança cristã Fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann, p. 131.

⁴⁰ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 231.

⁴¹ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 289.

⁴² KUZMA, C. A., A esperança cristã Fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann, p. 133.

⁴³ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 327.

antecipação, quer dizer, é a experiência dinâmica do reino de Deus⁴⁴. Diante disso, o futuro e a escatologia da história trilham o mesmo caminho, porque estão ligados à promessa e à esperança alicerçadas na revelação do Cristo. Assim, o entendimento da esperança cristã e da missão torna-se histórico na realidade de todas as pessoas destinatárias desta revelação. “A revelação de Deus, no evento da promessa, revela, produz e provoca uma história aberta que é compreendida pela missão da esperança”⁴⁵. Por esse motivo, a missão da esperança precisa mexer com o presente, visto que “ela transforma a realidade em que os seres humanos vivem e se organizam em um processo histórico, isto é, em uma luta pela verdade e pela justiça da vida”⁴⁶.

Moltmann descreve como as realidades se tornam históricas: a condição humana do ser humano quanto à medida em que o seu destino se manifesta na missão histórica; a realidade do mundo quanto à medida em que ele se manifesta na missão como campo de provas e é interrogado pelas possibilidades da esperança transformar o mundo; e na missão de Deus quanto à medida da manifestação como aquele que chama e promete⁴⁷.

O último ponto estudado por Moltmann em sua obra “Teologia da Esperança” é a comunidade do êxodo, em que busca da compreensão escatológica do cristianismo na sociedade moderna, confrontando a fé e a esperança da igreja diante desta realidade com o objetivo de analisar o problema do futuro. Ele destaca a igreja como a comunidade dos que creem em permanente êxodo (caminho) na sociedade moderna, entendendo que essa é a sua missão, uma vez que a igreja portadora do espírito de Cristo tem algo a comunicar para a humanidade nas áreas social, política, econômica, ambiental, religiosa, entre outras. O cristianismo sustenta uma vocação pública, não privada. Logo, deve dizer à sociedade o que é essencial de acordo com sua natureza de vocação e de chamamento, não se isolando do mundo, mas estando com o olhar focado para o futuro, visando transformar a realidade presente. Moltmann ressalta:

Se o cristianismo quer e deve ser outra coisa, segundo a vontade de Cristo, em quem crê e a quem espera, deve tentar nada menos do que irromper para fora desses papéis sociais fixados. Deverá mostrar um comportamento não conforme os papéis que lhe são designados. Eis o conflito que é imposto a cada cristão e a cada pastor. Se o Deus, que os chamou à vida, espera deles outra coisa além do que a sociedade industrial espera e exige, então o cristianismo deve ousar enfrentar o êxodo e ver os seus papéis sociais como um novo cativeiro babilônico. Somente quando ele aparecer como grupo que, do ponto de vista social, não se adapta perfeitamente e é incapaz de se adaptar; somente quando a integração moderna de todos em todos fracassar perante ele, só assim se defrontará com esta sociedade, em uma rivalidade carregada de conflito, mas frutuosa⁴⁸.

O autor chama a atenção para a responsabilidade do cristianismo de influenciar a sociedade moderna por meio da missão escatológica, que se fundamenta na esperança, capaz de manter a vida de maneira livre e em movimento, em busca do horizonte último, o *eschaton*. Por isso, o motivo de o cristianismo caminhar não pode ser diferente da sociedade que o acompanha. Contudo, Kuzma destaca que diante da contradição daquilo que é apresentado em relação ao que é esperado, o olhar do cristão pertence à sociedade, mas se projeta para fora do mundo, à procura do *eschaton*⁴⁹. Esse aspecto evidencia a missão da igreja como comunidade do êxodo. “Os cristãos que seguem a missão de Cristo, seguem igualmente a Cristo no serviço do mundo. A igreja tem a natureza do corpo de Cristo crucificado e ressuscitado somente quando é obediente ao mundo, pelo serviço concreto da missão”⁵⁰. Nesse sentido, a existência da igreja torna-se totalmente dependente de sua missão que, por intermédio de sua vocação, procura não se conformar com a sociedade, mas transformá-la através da resistência, influenciada pelo crucificado e ressuscitado a crer, esperar, amar. Assim, Kuzma conclui que aceitar a missão é ter esperança em algo melhor para a própria vida e essa ação aparece no ato de não se

⁴⁴ GONÇALVES, A. S., Por uma Igreja Aberta, p. 30.

⁴⁵ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 356.

⁴⁶ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 356.

⁴⁷ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 356.

⁴⁸ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 403.

⁴⁹ KUZMA, C. A., A esperança cristã Fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann, p. 138.

⁵⁰ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 407.

conformar, mas sim renovar, viver inquieto na espera de que, um dia, o *eschaton* prometido venha e permeie toda a existência⁵¹. É nesse contexto que surge a contradição do futuro já prometido e do presente realizado, ou seja, o problema do futuro.

O futuro, para Moltmann, apresenta-se no *eschaton* como horizonte último da existência. Este *eschaton* absoluto é o futuro do Cristo ressuscitado. Deus, ao criar oferece uma possibilidade aberta para o futuro pleno por meio de um encontro definitivo junto de si. Este futuro prometido se antecipa na história e a enche de ideias e conceitos escatológicos. Assim, sobre o cristianismo, “caso queira descobrir sua essência, é preciso perguntar pelo futuro em que ele coloca suas esperanças e expectativas”⁵². É válido destacar que “esperar este futuro e se lançar no seguimento de Jesus e, junto a isso, empenhar-se na proposta do Reino anunciada por ele é, com certeza, um sinal concreto da esperança que se realiza em missão”⁵³. Esta esperança em missão se movimenta para o futuro de Deus.⁵⁴ a partir de algo que pode ser vivido e experimentado pela fé no presente — e o fundamento e o agente desta esperança se encontram no êxodo e na ressurreição de Cristo.

1.3. A trilogia da esperança: a obra “O Deus crucificado”

A segunda obra de referência da trilogia da esperança é o livro “O Deus crucificado” (1972), que teve inúmeras traduções. Na primeira obra escrita, “Teologia da Esperança”, a ênfase é iniciada com a ressurreição de Jesus; e, na segunda, “O Deus Crucificado”, a ênfase continua na cruz do ressuscitado. Pinho salienta que a relação entre as duas obras é Jesus, pois ambas pertencem à vida de Cristo, sendo duas faces do mesmo pensamento escatológico⁵⁵. Agora, Deus é pensado a partir da cruz do sofrimento e da solidariedade. O autor sofre influência da *theologia crucis* (teologia da cruz) de Martinho Lutero, grande reformador que buscou na teologia do apóstolo Paulo, considerado o pai da teologia da cruz, a base teológica para seu pensamento. Tal concepção de Lutero sobre a cruz apresenta uma nova percepção da justiça de Deus, a qual acaba se consolidando na chave hermenêutica para a análise dos seus demais temas teológicos. Anjos descreve que Lutero utiliza o termo teologia da cruz para combater a teologia da glória da tradição cristã da Idade Média, em que a cruz desnuda toda a natureza pecaminosa do ser humano, sendo que o conhecimento de Deus é obtido por meio da paixão e da cruz do Cristo, a partir de suas obras na criação e na história⁵⁶.

Diante desses fatos, Moltmann, que bebe das fontes teológicas de Lutero, supera a teologia deste reformador em dois aspectos importantes. Inicialmente, a partir do momento em que Lutero limita a teologia da cruz em uma mística de sofrimento e submissão. Para Moltmann, “a teologia da cruz tem que ser crítica e libertadora. Ela tem que abordar a eleição dos humildes que envergonha os grandes. A teologia da cruz deve contrapor o Deus crucificado contra a soberba e opressão, contra o anseio de poder e escravidão”⁵⁷. E, depois, porque Lutero pensa em sua “cristologia desde a encarnação e teologia da cruz, mas nem sempre desenvolvia trinitariamente”⁵⁸. Devido à doutrina das duas naturezas de Cristo, ele realiza separações paradoxais entre Deus e Deus; o Deus que crucifica e o Deus crucificado; o Deus que está morto e o que não está; e o Deus revelado em Cristo e o Deus oculto. Com essa refutação sobre a dimensão trinitária da cruz, Moltmann procura estabelecer a concepção da esperança escatológica em relação à paixão e à morte de Cristo, pois “no contexto de sua mensagem divina, a vida de Jesus termina com a pergunta aberta por Deus”⁵⁹. Assim, o autor trabalha o evento trinitário apresentando a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã, que será

⁵¹ KUZMA, C. A., A esperança cristã Fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann, p. 138.

⁵² MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 403.

⁵³ KUZMA, C. A., O futuro de Deus na missão da esperança cristã, p. 16.

⁵⁴ Futuro de Deus é a origem criadora de todas as coisas na contingência da sua existência e, ao mesmo tempo, o último horizonte para o significado definitivo e, portanto, para a essência de todas as coisas e acontecimentos. No caminho de sua história no tempo, as coisas e pessoas existem somente pela antecipação daquilo que elas serão à luz de seu último futuro, do advento de Deus (PANNEMBERG, W., Teologia Sistemática, p. 698).

⁵⁵ PINHO, A., Humanística e Teologia, p. 27.

⁵⁶ ANJOS, J. M., Deus crucificado, p. 26.

⁵⁷ BARBOSA, A. D., Teologia da cruz, p. 364.

⁵⁸ ANJOS, J. M., Deus crucificado, p. 28.

⁵⁹ MOLTSMANN, J., O Deus crucificado, p. 198.

detalhado em seguida na pesquisa.

O evento trinitário compreende, trinitariamente, o sofrimento de Cristo, que é o sofrimento do próprio Deus. “O Filho padece e morre na cruz. O Pai padece com ele, mas não da mesma maneira. O paradoxo do Deus que está ‘morto’ na cruz, mas na verdade não está, pode ser resolvido de maneira trinitária, deixando-se o conceito simples de Deus do lado de fora”⁶⁰. No tocante a este ponto, é fundamental, para a concepção da doutrina da trindade, o reconhecimento distinto das três pessoas na história da salvação que tem na cruz seu fundamento histórico e na ressurreição sua base escatológica: em “termos trinitários, o Pai deixa o Filho sacrificar-se atrás do Espírito, a cruz está no centro da trindade”⁶¹. Diante disso, Moltmann propõe uma “doutrina trinitária em oposição a teólogos que defendem a concepção monoteísta de Deus. Ele rejeita grande parte da tradição cristã ocidental em que foi educado e se apoia na tradição cristã oriental, a tradição de Atanásio, ao formular sua doutrina da Trindade”⁶². Ele tenta, com isso, reformular a doutrina ocidental da trindade e, dessa forma, desenvolve um modelo com o objetivo de resgatar a autenticidade e a legitimidade dessa doutrina que foi esquecida na história da igreja cristã.

O tema *pahtos* de Deus (paixão de Deus) tem um lugar central no pensamento trinitário social de Moltmann. Contrariando a concepção dos povos antigos, principalmente dos gregos, que desenvolveram o conceito apático da divindade, no qual a apatia era considerada uma grande virtude dos deuses, o autor argumenta que no evangelho, em Cristo, Deus se revela de maneira diferente, por meio da encarnação, da paixão e da ressurreição de Jesus. Assim, Deus é envolvido pessoalmente na história da salvação. “Na Paixão do Filho, o Pai sofre a dor do abandono. Na morte do Filho, a morte atinge Deus e o Pai sofre a morte do Filho no seu amor pelos homens abandonados”⁶³. O sofrimento de Deus não pode ser igual ao sofrimento de suas criaturas. Na teologia cristã, o axioma da apatia denota que Deus não está sujeito ao sofrimento da mesma forma que os seres humanos, porém, sofre em seu amor. “Todavia, se ele tem a capacidade de amar a outro, então se abre ao sofrimento que lhe é proporcionado pelo amor desse outro, e coloca-se acima da dor que daí nasce em virtude do seu amor. Deus não sofre como sofre por carência do ser”⁶⁴. Nesse aspecto, Deus não sofre porque tem falta de alguma coisa, mas seu sofrimento é fruto do seu amor — este amor em que Deus sofre a morte de Jesus por todos aqueles que também sofrem. “A paixão de Deus continua acontecendo nos crucificados da história. Porém, apesar disso e em meio à luta contra a injustiça que continua fazendo suas vítimas, nada se perde”⁶⁵.

Outro aspecto importante da teologia da cruz de Moltmann é compreender a morte de Jesus no seu significado para o próprio Deus. Por isso, Moltmann rejeita a ideia tradicional entre trindade imanente e trindade econômica⁶⁶, apoiando o teólogo Karl Rahner em sua tese de ressignificar tais distinções que, para ele, são inapropriadas a partir do seu axioma⁶⁷. A trindade imanente, considerada em si mesma em sua eternidade e comunhão pericorética entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, apresenta a pericórese⁶⁸ trinitária entre as pessoas divinas, sem hierarquias e nem privilégios de uma sobre as outras, assim, destaca o caráter pericorético com o objetivo de evidenciar a questão relacional, em que o conceito de pessoa está inserido na concepção individualista extrema da sociedade moderna.

⁶⁰ SILVA, F. A., A cruz como evento trinitário no pensamento de Jürgen Moltmann, p. 61.

⁶¹ MOLTSMANN, J., O Deus crucificado, p. 61.

⁶² SILVA, F. A., A cruz como evento trinitário no pensamento de Jürgen Moltmann, p. 45.

⁶³ MOLTSMANN, J., O Deus crucificado, p. 220.

⁶⁴ MOLTSMANN, J., Trindade e reino de Deus, p. 37.

⁶⁵ BINGEMER, M. C. L., O Deus desarmado, p. 244.

⁶⁶ Trindade imanente e trindade econômica: a tradição cristã separa estas duas percepções acerca da trindade formulada pela teologia capadócia entre imanente e econômica, diferenciando a seu modo: na primeira, entra a essência íntima de Deus, já na segunda perpassa a história da salvação, gerando o referido axioma refutado por Moltmann. O novo axioma de Karl Rahner refere-se, justamente, à identidade da trindade econômica com a Trindade imanente e vice-versa. Trindade é um mistério salvador e, na sua autoadoção à humanidade, revela como é em si mesma. É na encarnação do filho, por exemplo, que se desenvolve a ideia do eterno processão do filho (ANJOS, J. M., Deus crucificado, p. 17).

⁶⁷ MOLTSMANN, J., O Deus crucificado, p. 302.

⁶⁸ Pericórese: expressão grega que, literalmente, significa uma pessoa conter as duas outras (em sentido estático) ou, então, cada uma das pessoas interpenetrar as outras reciprocamente (sentido ativo). O adjetivo pericorético quer designar o caráter de comunhão que vigora entre as divinas pessoas (BOFF, L., Paixão de Cristo paixão do mundo, p. 182).

Contrariando essa definição, busca entender o conceito de pessoa na relação comunitária. Por isso, Anjos diz que Moltmann prefere utilizar o termo união ou unido para falar da unidade das pessoas da trindade⁶⁹. Logo, Boff relata que a morte de Jesus pode ser entendida de forma pericorética, pois a cruz é a história trinitária de Deus⁷⁰. A cruz é o centro do evento trinitário e nela “são reveladas as relações de Jesus, o Filho, para com o Pai e vice-versa e o do seu efeito libertador, a nós é revelada a saída do Espírito a partir do Pai”⁷¹. Assim, a pericórese revela o evento da cruz, de como as três pessoas divinas se comunicam e se interpretam no amor. Esse conceito aproxima Moltmann das questões ecológicas da criação (ética, trindade, ciência). Outro ponto importante dessa reflexão acerca da cruz é sua relevância para a formação da identidade do cristianismo, assunto que será analisado em seguida na pesquisa.

A cruz tem uma grande importância para a formação da identidade cristã. Por esse motivo, Moltmann analisa sua relevância tanto para a teologia quanto para o cristianismo. Silva descreve de acordo com o pensamento moltmanniano, que a cruz possui a função de provar, identificar e distinguir os elementos verdadeiros e estranhos à fé cristã⁷². Moltmann trabalha a reverência em detrimento da identidade, uma correlação que exige equilíbrio, ou seja, uma relevância a partir da identidade e de uma identidade com relevância⁷³. Diante disso, destaca a crise de identidade da igreja moderna a partir do seu interior, que perdeu sua relevância e, assim, comprometeu sua própria identidade e existência como igreja do Cristo crucificado — a crítica externa que lhe atinge é, na verdade, um excelente indicativo de sua crise de fé cristológica interior. A respeito disso, Silva destaca que a crise de relevância e a crise de identidade são dois aspectos da mesma face, ou seja, completam-se mutuamente: ao encontrar a identidade, a relevância é questionada e, inversamente, isso também é verdadeiro, pois quando se alcança a relevância, a identidade é questionada⁷⁴. Esse detalhe provoca o olhar para a identidade cristã no discipulado do crucificado, mas também no ressuscitado, que liberta e transforma o ser humano em qualquer situação em perspectiva escatológica, tema que será aprofundado na sequência.

Cabe ressaltar que, apesar da contradição existente entre a teologia da cruz e a ressurreição, ambas pertencem à mesma identidade. Moltmann comenta que “a realidade da ressurreição sempre se refere ao objeto narrado e anunciado pelas testemunhas pascais”⁷⁵. Por isso, é um evento histórico pela experiência pascal deste testemunho. A cruz e a ressurreição assimilam-se como duas obras de Deus, dois acontecimentos básicos de uma única história de Deus com o mundo. Para o autor, a cruz e a ressurreição são dois princípios do pensamento teológico que permitem aproximar a cristologia e a escatologia. “Na formulação de sua teologia da cruz, Moltmann tem como objetivo aprofundar e fundamentar melhor sua esperança escatológica, bem como suas perspectivas cristológicas”⁷⁶. Esse aspecto evidencia que a cruz é a autorrevelação escatológica de Deus, “teologicamente falando, significa que ele vai de uma cristologia escatológica a uma escatologia cristológica até chegar a uma eclesiologia messiânica”⁷⁷. Assim, o autor inicia sua reflexão pela esperança escatológica em seguida volta sua atenção para a teologia da cruz e, por meio dessa busca, fundamentalmente, integra o princípio da antecipação escatológica, firmado a partir da ressurreição, e ao princípio da encarnação, estabelecido a partir do sofrimento de Cristo.

1. 4. A trilogia da esperança: a obra “A Igreja no Poder do Espírito”

A última obra de referência da trilogia da esperança é o livro “A Igreja no Poder do Espírito” (1975), no qual Moltmann procura falar de uma eclesiologia em proporções abertas visando apresentar

⁶⁹ ANJOS, J. M., Deus crucificado, p. 16.

⁷⁰ BOFF, L., Paixão de Cristo paixão do mundo, p. 180.

⁷¹ SILVA, F. A., A cruz como evento trinitário no pensamento de Jürgen Moltmann, p. 62.

⁷² SILVA, F. A., A cruz como evento trinitário no pensamento de Jürgen Moltmann, p. 75.

⁷³ MOLTSMANN, J., O Deus crucificado, p. 19.

⁷⁴ SILVA, F. A., A cruz como evento trinitário no pensamento de Jürgen Moltmann, p. 76.

⁷⁵ MOLTSMANN, J., Teologia da esperança, p. 221.

⁷⁶ SILVA, F. A., A cruz como evento trinitário no pensamento de Jürgen Moltmann, p. 71.

⁷⁷ COSTA JÚNIOR, J., O Espírito criador, p. 98.

uma igreja que tenha algo a dizer para a sociedade moderna, que entenda a sua missão e, consequentemente, tenha consciência de seu compromisso com a proteção e o cuidado com a vida. Em virtude da visão escatológica do teólogo da esperança, ele aborda um tipo de eclesiologia que leva sua escatologia a adotar algumas posições referentes à igreja em sua aproximação com a sociedade moderna. Nessa obra, procura aproximar e unir a eclesiologia e a pneumatologia. “É o Espírito Santo que recorda os não recordados do mundo. Ele, que deriva do evento da cruz e da ressurreição, move a realidade à resolução da dialética que invade o mundo do esquecimento e da paixão, enchendo-o com a presença de Deus”⁷⁸. Diante disso, essa igreja deve ter compromissos éticos e políticos com o mundo, por meio de sua fé e comunhão de caridade, igualdade e fraternidade, evidenciadas nela e por meio dela.

Dentro de um contexto de pós-guerra, Moltmann se preocupa com a desesperança da igreja e acerca dela. Por isso, surgem as reflexões da igreja no poder do Espírito relacionadas às suas duas obras anteriores, já analisadas na pesquisa. Dessa maneira, os temas principais do livro são eclesiologia, cristologia, reino de Deus e pneumatologia. Quanto à escatologia, ela atravessa toda a obra na aproximação com a eclesiologia, visto que a perspectiva escatológica é o ponto inicial e final de toda sua reflexão teológica. Para falar de uma eclesiologia escatológica, o autor começa analisando as dimensões da doutrina sobre a igreja na sociedade moderna. Essas dimensões podem ser encontradas nas muitas facetas da eclesiologia nessa obra, como na igreja de Jesus Cristo, missionária, ecumênica e política. “Por isso, a doutrina sobre a Igreja se deixará conduzir por aquela agitação interior que move a Igreja, ela deve ser percebida quando se fala teologicamente da Igreja de Jesus Cristo, da Igreja do Reino de Deus e da Igreja na presença e no poder do Espírito Santo”⁷⁹. Esses grandes temas estruturam e ligam as bases eclesiológicas de Moltmann e procuram estabelecer uma eclesiologia aberta.

A cristologia no pensamento teológico e escatológico moltmanniano aparece de forma expressiva na obra “O Deus Crucificado” (1972) e, mais tarde, em “O caminho de Jesus” (1989). Mondin levanta a hipótese de que o caminho traçado por essa concepção cristológico-escatológica se dá quando Moltmann tem a percepção de que sua teologia da esperança estava trilhando uma direção inversa de seu propósito inicial, fazendo com que ele voltasse seus olhares para a cruz de Cristo, que deveria ser incorporada à esperança⁸⁰. Assim, volta a um tema já discutido em uma perícopes anterior na pesquisa, referente à identidade cristã e à relevância da fé, mas agora direcionando este assunto central da cristologia da cruz à eclesiologia. Moltmann entende que a igreja se distanciou de sua identidade com o Cristo crucificado. Logo, perdeu a relevância de sua própria fé e, com isso, deixou de denunciar e criticar seus próprios pecados e os da sociedade moderna⁸¹. Por essa razão, a igreja deve, urgentemente, assumir sua identidade na cruz de Cristo por meio da prática do seguimento. Nesse sentido, a igreja precisa assumir a missão de Cristo com a sua cruz, que significa traduzir e expressar os princípios do evangelho de Cristo em suas práticas e ações direcionadas ao mundo. A partir desse contexto, destaca-se que “a missão messiânica de Jesus abrange toda sua atuação e tem também para os discípulos um sentido abrangente”⁸². Essa missão messiânica possui um recorte delimitado da proclamação de Jesus e de seus discípulos, mas também inclui curar os doentes, libertar os presos e ter fome de justiça, fazendo parte da sua missão e indo de mãos dadas com o anúncio do evangelho. Assim, Gonçalves afirma que para a identificação com Jesus Cristo (o Messias), a comunidade do êxodo (igreja), por meio do seguimento, participa da promessa em Cristo mediante sua morte-ressurreição, tornando-se uma comunidade messiânica⁸³. Essa igreja é anunciadora e proclamadora do reino de Deus, que está chegando com a missão de proporcionar a libertação do mundo, assunto que será explorado a seguir.

O reino de Deus se constitui, para Moltmann, a amplitude do horizonte e a dimensão relacional da esperança, sendo que “a igreja é a expressão deste reino de Deus quando se torna anunciadora da

⁷⁸ GONÇALVES, A. S., Por uma Eclesiologia aberta, p. 30.

⁷⁹ MOLTSMANN, J., A igreja no poder do Espírito, p. 22.

⁸⁰ MONDIN, B., Os grandes teólogos do século vinte, p. 197-198.

⁸¹ MOLTSMANN, J., O Deus crucificado, p. 25.

⁸² MOLTSMANN, J., A igreja no poder do Espírito, p. 111.

⁸³ GONÇALVES, A. S., Por uma Eclesiologia aberta, p. 53.

esperança que foi confirmada pela ressurreição de Jesus Cristo”⁸⁴. As duas funções da igreja, em detrimento do reino de Deus, são a mediação e a instrumentalização. A primeira função é ser mediadora da tensão escatológica do “já” e “ainda não” entre o reino esperado e o reino consumado. Já a segunda função é ser instrumento do reino e proclamadora da esperança do crucificado-ressuscitado. Por isso, a relação da igreja com o reino de Deus se estabelece tendo em vista sua missão messiânica no poder do Espírito em perspectiva cristológica-escatológica. Moltmann detalha:

A igreja no poder do Espírito Santo ainda não é o reino de Deus, mas já é sua antecipação na história. O cristianismo ainda não é a nova criação, mas já é o efeito do Espírito da nova criação. Os cristãos ainda não são a nova humanidade, mas já são sua dianteira na resistência contra o enclausuramento mortífero, em entrega e representação em prol do futuro dos seres humanos⁸⁵.

A mediação da igreja se realiza no horizonte do futuro da promessa, quando ela anuncia e tenta concretizar o reino de Deus, sendo *prolepsis* (antecipação) do que se espera na história. Para Moltmann, dois fatores importantes acerca da dinâmica desse processo escatológico são que, inicialmente, Deus reina com clareza universal e de modo incontestável e, ainda, reina na história pela palavra da promessa e pelo espírito da liberdade, porém, ambos são contestados, encontrando oposição, resistência e adversários⁸⁶. Assim sendo, somente na história Deus reina de modo contestado, por isso, o reino de Deus, na consumação escatológica, é histórico-libertador porque caminha para seu próprio cumprimento pleno e, enquanto isso, está vindo e projeta a sua luz antecipadamente nos conflitos da história. Nesse sentido, este reino prometido e pleno se estabelece na pericórese do reino de Deus trinitário, na comunhão em amor e justiça das pessoas divinas, onde vive a igreja eleita como comunidade de libertos pelo Espírito para participar do reino libertador de Cristo vindouro, absoluto e eterno. Este “Deus trinitário que realiza o reino da sua glória em uma história de criação, libertação e glorificação, deseja a liberdade humana, alicerça a liberdade humana e dispõe o homem incessantemente para a liberdade”⁸⁷.

Cabe ainda destacar que o tema da pneumatologia perpassa as três obras de referências de Moltmann: “O Espírito da Vida” (1991); “A Fonte da Vida” (1997); e “A Igreja no Poder do Espírito” (1975). Na primeira, escreve um texto que marca o estudo da pneumatologia e influencia teólogos a refletirem com criatividade a doutrina do Espírito Santo. Na segunda, com linguagem acessível e pastoral, procura colocar a temática pneumatológica em conexão com a vida e sua dinâmica. E, na terceira, desenvolve uma eclesiologia impulsionada pelo Espírito Santo na história com a marca do reino de Deus e a messianidade de Jesus. Aqui, cabe destacar que é nesta obra que se intensificou a reflexão pneumatológica moltmanniana. Ele trabalha a relação da igreja com o Espírito e a igreja como comunidade messiânica. Moltmann destaca:

A igreja como a comunidade de pecadores justificados, das pessoas libertas por Cristo que experimentam salvação e vivem em gratidão, está no caminho do cumprimento do sentido da história de Cristo. Inteiramente voltada para Cristo, ela vive no Espírito Santo e é nisto, ela mesma, início e sinal do futuro da nova criação. Ela anuncia somente em Cristo, mas o fato de anunciá-lo já é a vinda do futuro de Deus na palavra. Ela crê somente Cristo, mas o fato de crer já é sinal de esperança. Libertada, ele segue somente Cristo, mas nesse fato acontece já a antecipação corporal da redenção do corpo. Na santa ceia, ela faz memória da morte de Cristo e a torna presente, mas este fato é sinal da paz que está vindo. Ela confessa somente Jesus, o Crucificado, como Senhor, mas o fato dessa confissão antecipa o Reino de Deus. Esta relação entre aquilo que acontece e o fato que acontece pode ser conceituada apenas de modo pneumatológico⁸⁸.

Esse aspecto evidencia que a única forma de a igreja viver na comunhão com Cristo se realiza no Espírito Santo, em que, pela fé, a igreja percebe Deus em Cristo — e este discernimento é o poder

⁸⁴ GONÇALVES, A. S. Por uma Eclesiologia aberta, p. 57.

⁸⁵ MOLTSMANN, J., A igreja no poder do Espírito, p. 258.

⁸⁶ MOLTSMANN, J., A igreja no poder do Espírito, p. 251.

⁸⁷ MOLTSMANN, J., Trindade e reino de Deus, p. 221.

⁸⁸ MOLTSMANN, J., A igreja no poder do Espírito, p. 59.

do Espírito Santo. Diante disso, a igreja, que tem a comunhão histórica com Cristo, é um ser escatológico do próprio Espírito. Assim, Moltmann defende uma pneumatologia trinitária, fazendo uma exposição da doutrina da igreja e dos seus sacramentos na perspectiva do Espírito Santo. Logo, na trilogia da esperança, ele entende o Espírito como a vida da nova criação, que surge a partir da ressurreição de Jesus e move a história para a transformação escatológica do mundo. Depois, em “O Deus Crucificado”, segue com o Espírito como reconciliador, que une o Pai e o Filho na cruz. E em “Igreja: Força do Espírito”, Costa Júnior faz a relação do Espírito com a igreja, pois sua força quer dizer que ela é a comunidade dos libertos pelo Espírito⁸⁹. De acordo com Gonçalves, essas obras marcam o primeiro período (1964-1975) do pensamento de Moltmann, décadas que viram surgir a trilogia na qual desenvolve três perspectivas complementares da teologia cristã: revelação e história; doutrina da cruz; e eclesiologia.⁹⁰

Conclusão

A trilogia da esperança se apresenta a base do pensamento escatológico de Moltmann perpassa três princípios básicos: a religião cristã é a escatologia do início ao fim; a fé cristã se fundamenta na ressurreição de Cristo, criando a base cristológica da escatologia; e o problema do futuro. Diante desses aspectos, a escatologia de Moltmann estabeleceu o fim como princípio, um fim (para) fundamentado pela esperança. Assim, o evento escatológico se expressa por meio da revelação, que sinaliza e aponta para o futuro e se confirma pelo evento de Jesus ressuscitado, por isso, o futuro da humanidade se mostra na esperança do futuro de Cristo, que se encontra aberto na história como promessa que se manifestará e garantirá um futuro ainda ausente. Diante disso, a obra “Teologia da Esperança” apresenta a esperança como a chave hermenêutica da ressurreição de Jesus, enquanto em “O Deus Crucificado” a ênfase recai sobre a cruz de Cristo e, em “A Igreja na Força do Espírito”, fundamenta-se a eclesiologia que parte da cristologia em direção à pneumatologia.

Na obra “O Deus Crucificado”, Moltmann sofreu influência da *theologia crucis* (teologia da cruz) de Martinho Lutero. Contudo, ele supera a teologia de Lutero em dois aspectos, sendo a limitação da *theologia crucis*, que emprega a mística do sofrimento e da submissão de Jesus, e a cristologia de Lutero, que carecia de uma reflexão pericorética trinitária. Quanto ao primeiro aspecto, Moltmann argumenta que a teologia da cruz deve ser crítica e libertadora. E, quanto ao segundo, ele destaca o evento trinitário, que compreende trinitariamente o sofrimento de Cristo, que é o sofrimento do próprio Deus. Finalizando, Moltmann, em virtude de sua visão escatológica, aborda uma eclesiologia que leva à escatologia, com aproximação da pneumatologia.

Referências bibliográficas

- ANJOS, Joabe Marques dos. **Deus crucificado**: uma teologia trinitária da cruz. In: Anais do Salão de Pesquisa da Faculdades EST. São Leopoldo: v. 16, 8-38 p, 2017.
- BARBOSA, Alex Durães. **Teologia da cruz**: um olhar humano ao Deus crucificado. In: Anais do Congresso Estadual de Teologia. São Leopoldo: v. 2, p. 362-375, 2016.
- BARTH, Karl. Der Romerbrief, 1922. In: MOLTSMANN Jürgen. **Teologia da esperança**: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Loyola, 2005.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **O Deus desarmado**: A Teologia da Cruz de J. Moltmann e seu impacto na Teologia Católica. In: Estudos de Religião, v. 23, n. 36, 230-248 p., jan./jun. 2009.
- BOFF, Leonardo. **Paixão de Cristo paixão do mundo**. Petrópolis: Vozes 2012.
- BULTMANN, Rudolf. **Crer e compreender**: Ensaios selecionados. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

⁸⁹ COSTA JÚNIOR, J., O Espírito criador, p. 126.

⁹⁰ GONÇALVES, A. S., Por uma Eclesiologia aberta, p. 29.

CARM, **Dictionary**. Disponível em: <https://carm.org/dictionary-eschaton>. Acesso em: 02 de jul. 2020.

COSTA JÚNIOR, Josias da. **O Espírito criador**. A ecologia na teologia trinitária de Jürgen Moltmann. 2008. 248 p. Tese. Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/Rio. Rio de Janeiro: 2008.

GADAMER, H. G. **Wahrheit un Methode**, 1960. In: MOLTSMANN Jürgen. **Teologia da esperança**: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Loyola, 2005

GIBELLINI, Rosino. **La teologia di Jürgen Moltmann**. Brescia: Queriniana, 1975.

GONÇALVES, Alonso S. **Por uma Igreja Aberta**. A Eclesiologia de Jürgen Moltmann e o protestantismo brasileiro, São Paulo: Editora. Reflexão, 2015.

GONÇALVES, Alonso de Souza. **Por uma Eclesiologia aberta**: reflexões a partir da eclesiologia de Jürgen Moltmann como uma contribuição teológica à Igreja Batista brasileira. 2014. 125 p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo - UESP. São Bernardo do Campo/SP: 2014.

KUZMA, Cesar Augusto. **A esperança cristã na “Teologia da Esperança”**: 45 anos da Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann: sua história, seu caminho, sua esperança. In: **Pistis Prax Teologia Pastoral**. v. 1, n. 2, p. 443-467, jul./dez. 2009.

KUZMA, Cesar Augusto. **A esperança cristã Fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann**. 2007. 165 p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/Rio. Rio de Janeiro: 2007.

KUZMA, Cesar Augusto. **O futuro de Deus na missão da esperança cristã**. Um estudo da escatologia na Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann em aproximação com a Teologia Latino-Americana da Libertação no contexto atual. 2012. 260 p. Tese. Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/Rio. Rio de Janeiro: 2012.

PINHO, Arnaldo de. Entrevista Jürgen Moltmann. In: **Humanística e Teologia**, v. 28 / n. 1-2, p. 16-49. Porto. 2007.

MARTINELLI, Renan Antunes Vieira; LIMA, Adriano de Sousa. As chaves hermenêuticas da escatologia de Jürgen Moltmann. **Teologia e Espiritualidade**. v. 8, n. 4, dez./2017.

MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da esperança**: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Loyola, 2005.

MOLTSMANN, Jürgen. **O Deus crucificado**: a Cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Academia Cristã, 2011.

MOLTSMANN, Jürgen. **Trindade e reino de Deus**: uma contribuição para a teologia. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOLTSMANN, Jürgen. **A igreja no poder do Espírito**: uma contribuição à eclesiologia messiânica. Santo André: Academia Cristã, 2013.

MONDIN, Battista. **Os grandes teólogos do século vinte**: os teólogos protestantes e ortodoxos. São Paulo: Paulinas, 1980.

PANNEMBERG, Wolfhart. **Teologia Sistemática**. Santo André: Academia cristã, 2009.

SILVA, Francisco Arcanjo da. **A cruz como evento trinitário no pensamento de Jürgen Moltmann**. 2014. 126 p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. São Paulo: 2014.

WEISS, J. **Die Predigt Jesu vom Reiche Gottes**, 1892. In: MOLTSMANN Jürgen. **Teologia da esperança**: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Loyola, 2005.

Aילו Martins

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná

E-mail: ailto@ceeduc.edu.br

Recebido em: 11/04/2024

Aprovado em: 12/12/2024